Caderno Virtual de Turismo
ISSN: 1677-6976
Vol. 3, Nº 2(2003)

A Atlântica no Atlântico

Melissa Miranda

Resumo

O artigo em questão é uma adaptação do livro, de mesmo nome, que a jornalista ambiental Melissa Miranda desenvolveu como trabalho de conclusão de curso para do grau de bacharel pela Universidade de Taubaté (Unitau) em 2002. Este livro trata da história e realidade da Ilha Anchieta, um parque estadual situado na costa de Ubatuba, levantando temas muito pertinentes como o problema do ecoturismo na região.

Instituto Virtual de Turismo
www.ivt-rj.net
LTDS
Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social
UFRJ COPPE
PEP Programa de Engenharia de Produção
FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

A História

Ilha Anchieta - Ubatuba - Litoral Norte do Estado de São Paulo.

No Estado de São Paulo, sudeste do Brasil, situada na costa da cidade de Ubatuba, Litoral Norte, a 4,3 milhas náuticas do continente (8 Km), banhada pelo Atlântico por todos os lados, está a Ilha Anchieta. Ubatuba fica a 226 km da capital de São Paulo, a 52 km de Caraguatatuba (SP) pelo sul, a 75 km de Parati (RJ) pelo norte, a 96 km de Taubaté (SP) no Vale do Paraíba e a 334 km do Rio de Janeiro (RJ). Existem dois principais pontos de acesso de Ubatuba, de onde as embarcações partem para a Ilha: o Píer do Saco da Ribeira e praia do Itaguá. A travessia leva, em média, 1 h e 30 m saindo do Itaguá, e 30 m partindo do Saco da Ribeira. Durante a temporada de verão - de setembro a março - quando o fluxo de pessoas é maior, as embarcações partem diariamente com destino à Ilha.

A ilha é a segunda maior do litoral norte de São Paulo e possui uma área equivalente a 828 alqueires[1] , menor apenas que Ilhabela. A totalidade do território está protegida pelo Parque Estadual da Ilha Anchieta, criado há 25 anos com a finalidade de proteger os recursos naturais, a fauna, a flora e os monumentos históricos da ilha.

No século XVI, esse território era habitado por índios Tupinambá que o chamavam de Tapira ou Tapera e também de Pó-Quâ, o que originou o primeiro nome dado à ilha: Ilha dos Porcos. Entre os séculos XVI e XVIII, era ponto de parada para navios da rota comercial litorânea que encontravam condições favoráveis para abrigar os barcos de grande porte: uma enseada protegida dos ventos e com uma profundidade adequada: a enseada das Palmas.

No século XIX, o povoado da Ilha dos Porcos começou a crescer. Por volta de 1885, surgiu a Freguesia da Ilha dos Porcos, com mais ou menos 300 habitantes e uma economia de subsistência.

Mas foi em 1906 que o destino da Ilha seria traçado. O presidente Afonso Pena e o governador Jorge Tibiriçá escolhem a Ilha dos Porcos para a construção de uma colônia Correcional, destinada a abrigar homens considerados "vadios".

Em 1934, a Ilha passa a se chamar Anchieta, em comemoração ao 4º centenário do Padre José de Anchieta.

Nas décadas de 40 e 50, os habitantes do presídio eram presos que mereciam segurança máxima e que escreveram uma parte da história da Ilha a tinta de sangue.

Nesse tempo o regime do presídio era semi-aberto, ou seja, os presos trabalhavam durante o dia e eram recolhidos ao anoitecer, muitos detentos trabalhavam bem próximos aos oficiais e suas famílias como cozinheiros, faxineiros, barbeiros, pescadores ou varredores das ruas que compunham o cenário.

Essa característica foi um ponto facilitador para a batalha que estava prestes a ser travada entre presos e militares.

Tudo começou quando um prisioneiro de nome Álvaro da Conceição Carvalho Farto, o Portuga, deu início a um plano de fuga que entraria para história nacional como o maior levante de presos de todos os tempos até o ano em questão (1952).

O plano foi minuciosamente elaborado e executado.

Foi instaurada uma cordialidade na Casa de Detenção, presos e policiais começaram a conviver em clima de paz o que afrouxou a segurança, assim como esperava Portuga. De posse das informações que precisava e sabendo que no dia 20 de junho de 1952 a lancha Ubatubinha chegaria de Santos com os mantimentos, o mentor marcou para esse dia a data da fuga.

1 um alqueire paulista equivale a 24.200 metros quadrados

Foi uma batalha sangrenta, com assassinatos cruéis e muitas baixas, tanto do lado dos militares, quanto dos presos, muitos dos quais acabaram perecendo de fome e frio durante a fuga. A notícia teve larga cobertura nos jornais da época, nacionais e internacionais. Aliando a fuga ao massacre, a rebelião foi considerada a maior que o planeta já havia presenciado até então.

Após esse triste episódio o presídio foi desativado e suas instalações ficaram durante 22 anos se deteriorando, até o governo do Estado decidir, em 1977, que todo o território da Ilha Anchieta passaria a ser protegido pelo Parque Estadual da Ilha Anchieta, com a finalidade de preservar suas riquezas naturais, sua biodiversidade e seu patrimônio cultural.

Ecoturismo

Ao configurar-se como uma das atividades econômicas mais rentáveis do mundo, o turismo vem despertando interesse crescente tanto nos países desenvolvidos como nos países subdesenvolvidos[2]. No Brasil, o turismo ainda está se desenvolvendo, em 1999 contabilizou cerca de três milhões de visitantes, enquanto a França recebeu 70 milhões de turistas. A Argentina e o Uruguai, países com atrativos naturais menos expressivos, recebem mais visitantes do que o Brasil, fato que ilustra a potencialidade ainda não explorada e planejada da atividade atualmente. Mesmo com esse pequeno número de visitantes, estima-se que um em cada 10 empregos seja no setor turístico. Até 2003, a Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) pretende captar 6,5 milhões de visitantes estrangeiros. É um ramo muito atraente. Movimenta, em todo o mundo, 4,5 trilhões de dólares por ano e empregam 260 milhões de pessoas. Na América Latina, serão criados, nesta década, 1,3 milhão de novos empregos. No Brasil, a Embratur estima que neste começo de década o número de turistas internos chegue a 38,2 milhões, gerando receitas da ordem de 13,2 bilhões de dólares e empregando 500 mil trabalhadores. Dessa atividade, o segmento que mais cresce proporcionalmente é o ecoturismo, devido à exaustão sofrida pelo turismo convencional e à divulgação massiva de lugares exóticos. Segundo dados da OMT (Organização Mundial do Turismo), o ecoturismo cresceu, em média 20%, enquanto as outras atividades turísticas cresceram 7,5% ao ano. E representa 5% do turismo mundial, deve chegar a 10% na próxima década. Além disso, os investimentos nessa área, aumentaram 90% nos últimos 15 anos. Sendo assim, a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou o ano de 2002 como o Ano Internacional do Ecoturismo.

Ecoturismo é o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das pessoas envolvidas[3]. No entanto, com o mercado ecoturístico em franca ascensão, muitas são as agências e operadoras que exploram esse meio com o objetivo de gerar lucros, devido à alta demanda, sem a sensibilidade para desenvolver o conceito de turismo de natureza, e pôr em prática as ações necessárias para uma viagem se caracterizar como ecoturismo. A prática do ecoturismo também implica produzir o mínimo impacto ao meio ambiente natural e cultural, além de promover benefícios econômicos e o fortalecimento das comunidades locais.

O atrativo principal para o turista que procura esse tipo de atividade é a natureza preservada. Quanto maior a qualidade ambiental da área natural visitada, maior seu diferencial no mercado. O aspecto cultural (população nativa, passado

2 SEABRA, Giovanni
Ecos do Turismo - Turismo ecológico em áreas protegidas, coleção Turismo, editora Papirus

3 MILARÉ, Edis. Direito do Ambiente. Editora Revista dos Tribunais

histórico etc) também enriquece essas visitas.

Para os turistas, é uma possibilidade de conviver com áreas ainda preservadas fortificando uma consciência ambientalista, que permite a interpretação do meio e incentiva uma nova ética e um novo comportamento em relação ao ambiente visitado.

A palavra "ecoturismo" não trouxe nenhuma novidade à viagem à natureza, pois esse tipo de atividade já tem adeptos há muito tempo, mais de um século, quando os visitantes lotavam os primeiros Parques Nacionais americanos[4]. Além disso, o turismo de aventura e o turismo rural são algumas das variações que se denominam de ecoturismo. O primeiro se caracteriza pela prática de esportes radicais em contato direto com a natureza. Esportes como rafting , treeking , rapel[5] , fazem parte do leque de opções à disposição de aventureiros ecológicos. Já o turismo rural tem como objeto de visitação fazendas, muitas vezes antigos engenhos de cana-de-açúcar e café, chalés situados na zona rural, geralmente perto de áreas conservadas, graças à distância entre esses lugares e os complexos industriais, onde se concentra a maior parte da população. Em ambos os casos, a intenção é utilizar, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, despertando a consciência ecológica.

Muitas dessas atividades são desenvolvidas em Unidades de Conservação, ou seja, dentro de espaços reservados à proteção permanente, o que traz benefícios ou prejuízos se não desenvolvidos com cautela, atento à forma de contato entre visitante e ambiente visitado.

O importante é que ao caracterizar-se como uma atividade rentável e crescente do ponto de vista econômico, o ecoturismo em áreas de preservação possibilita uma dinamização nesses territórios, atraindo capital sem degradar o meio ambiente. Apesar de o Brasil ser o país mais rico em biodiversidade do planeta, somente 1% de seu território está protegido pela lei, enquanto que na Costa Rica, por exemplo, cerca de 30% (um milhão de hectares) estão sob proteção na forma de unidades de conservação. Além disso, a proteção do ambiente é parte da Constituição e faz parte do conteúdo pedagógico nas escolas desde o ensino infantil.

Uma pequena nação na América Central, com três milhões e meio de habitantes e com um território menor que Portugal, Costa Rica é a pioneira em ecoturismo e o principal destino dos turistas norte-americanos. O turismo é responsável por levar ao país US$ 1, 2 bilhão por ano, 50% das pessoas que a visitam são ecoturistas.

Banhada pelo oceano Atlântico e pelo Pacífico, Costa Rica acabou com suas Forças Armadas, resolvendo aplicar o dinheiro do orçamento militar na saúde e na educação. Como resultado dessa iniciativa, pode-se observar que os 95% de pessoas que passam, no mínimo, nove anos na escola, têm uma expectativa de vida de 79 anos, índices que se comparam somente a Cuba. As características que a fazem um país latino tão singular, levaram-na a obter níveis de conscientização ambiental tão elevados, que hoje Costa Rica é considerada exemplo no que se refere a ecoturismo e à preservação da natureza.

Estima-se que 500 mil pessoas pratiquem ecoturismo no Brasil, gerando emprego para 30 mil trabalhadores por intermédio de cinco mil empresas e instituições privadas[6] . Nessa perspectiva, os parques nacionais e os demais espaços naturais protegidos por lei tornam-se áreas prioritárias para a implementação e desenvolvimento

4 KINKER, Sônia. Ecoturismo e Conservação em Parques Nacionais, Papirus Editora.

5 rafting: descida por corredeiras de rios em botes infláveis.
Treeking: caminhadas em trilhas pela mata.
Rapel: descida por paredões rochosos, normalmente banhados por cachoeiras.

6 SEABRA, Giovfanni. Ecos do Turismo. O Turismo Ecológico em Áreas Protegidas. Editora Papirus

ecológico.

O Brasil com sua rica cobertura vegetal nativa, fauna e flora exuberantes, seu clima quente e úmido, com rios, corredeiras e cachoeiras de águas cristalinas, regiões litorâneas em lugares remotos e uma população geralmente hospitaleira, humilde e acolhedora, torna-se naturalmente um atrativo turístico. Somente não fazem parte dos ecossistemas brasileiros, potencialmente destinados ao ecoturismo, as cordilheiras cobertas de neve, vulcões ativos e as geladas regiões glaciais. Nesse processo de valorização das paisagens tropicais para fins de uso turístico, as últimas fronteiras estão sendo ocupadas e turistificadas[7] , como as florestas tropicais, as praias desertas, as dunas e as cavernas.

Para o ecoturismo conseguir efetivar seus objetivos básicos de auto-sustentabilidade, seguindo um modelo desenvolvimentista não-concentrador, respeitando o meio ambiente e melhorando as condições de vida da comunidade local, é preciso que o planejamento e a gestão do ecoturismo em unidades de conservação e demais áreas protegidas obedeçam a critérios técnico-científicos e jurídico-institucionais. O procedimento metodológico-operacional para a implantação de um programa turístico deve primeiro fazer um levantamento do potencial da área, definindo as melhores parcerias com órgãos públicos, organizações não-governamentais (ong's), empresas, universidades e comunidade local. Deve, ainda, haver um diagnóstico físico-biótico e socioambiental para um zoneamento ecológico-econômico adequado à circunstância da região a ser turistificada.

Esse processo de nada adianta se não for aplicado um programa eficaz de educação ambiental. É uma exigência indispensável para a preservação e conservação dos recursos naturais e socioculturais - patrimônios da Humanidade, pois a educação passa a adquirir novos significados no processo de construção de uma sociedade sustentável, democrática, participativa e socialmente justa, capaz de exercer efetivamente a solidariedade com as gerações presentes e futuras[8] .

Por meio da educação é que se pretende desenvolver um processo de conscientização permanente, em que o indivíduo passa a enxergar a realidade de uma nova maneira, considerando os limites do planeta e respeitando-o, desempenhando o papel de cidadão, participando das ações necessárias à saúde da Terra e, conseqüentemente, a de seu ambiente.

O objetivo de uma unidade de conservação é, além da preservação da biodiversidade e pesquisas, o de educar. Para isso muitos parques se aliam a Ong's ou desenvolvem por conta própria políticas de educação ambiental, promovendo atividades que despertem essa consciência ecológica tão discutida atualmente.

Turismo na Ilha Anchieta

Graças às suas belezas cênicas e à rica biodiversidade que abriga, a Ilha Anchieta é um dos pontos turísticos mais visitados de Ubatuba[9] . Durante a temporada milhares de pessoas embarcam em escunas e outras embarcações para visitar a Ilha. No verão, cerca de 2.000 visitantes desembarcam no píer da praia do Presídio diariamente, com a intenção de passar momentos agradáveis junto à natureza. Só neste ano, 60.000 pessoas visitaram o parque.

O parque conta com uma infra-estrutura básica para o atendimento ao turista, com chuveiros e banheiros, além do restaurante que é um serviço terceirizado. No prédio da administração funciona também o museu da ilha, com informações sobre a história, sobre o parque e sobre as

7 Termo usado por Giovanni Seabra em Ecos do Turismo

8 Termo usado por Giovanni Seabra em Ecos do Turismo

9 Trecho de entrevista com o diretor presidente da Companhia Municipal de Turismo de Ubatuba, Comtur, Luiz Antonio Bischof.

espécies. Existem, ainda, hospedarias destinadas aos funcionários, pesquisadores e estagiários do Projeto Tamar, cujo trabalho exige uma permanência prolongada nos territórios da Anchieta. Atualmente apenas o casal que administra o PEIA mora na Ilha Anchieta, Maria de Jesus Robim e Manoel Fontes.

Para iluminar os prédios existentes na Ilha, (administração, hospedarias, capela e casa dos administradores) o sistema de captação de energia utilizado é o solar. Placas de captação estão instaladas entre a capela e a hospedaria dos funcionários, em frente à praia do presídio. Apesar de não ser ainda um método muito eficaz, já que nem sempre o dia está ensolarado, é uma maneira alternativa, menos degradante para a natureza.

Para passar algumas horas percorrendo as trilhas e praias da Ilha, o turista paga uma taxa de manutenção equivalente a R$ 2, 00, e conta com ajuda dos funcionários e estagiários, que explicam alguns tópicos da Ilha como a história e o parque. Em algumas trilhas, como a do Sul, por exemplo, que necessitam de acompanhamento de monitores, as visitas devem ser marcadas com antecedência, há uma cobrança adicional de dez reais por pessoa e o grupo não pode ser inferior a dez nem superior a vinte.

São sete as praias existentes no PEIA, cinco delas na Baía das Palmas: Prainha de Fora, Prainha do Engenho, Praia do Presídio, Praia do Sapateiro e Praia das Palmas. O píer que abriga os barcos que aportam na Ilha fica entre as praias do Presídio (do lado esquerdo) e do Sapateiro (do lado direito), em frente ao antigo prédio da administração do presídio em que hoje funciona a administração do Parque Estadual da Ilha Anchieta. As outras duas praias ficam encravadas nas encostas da Floresta Atlântica, são as praias do Leste e a do Sul. Antigamente existiam trilhas que levavam a essas duas praias, mas devido à dificuldade de acesso e ao pouco uso, o caminho da praia do Leste foi totalmente coberto pela vegetação, sendo a praia hoje acessível apenas por barco ou com expedições de desbravamento, a base do facão e da espada. Já a do Sul, de 1.230 metros cruzando a mata, ainda hoje é percorrida pelos turistas que podem encontrar pelo caminho animais como o macaco bugio, que se abriga nas altas figueiras existentes nesse trecho na época em que elas estão produzindo frutos.

Outra trilha muito percorrida pelos turistas é a que leva à Prainha do Engenho. É de fácil acesso, com 530 metros de extensão, nota-se a diversidade de estágios vegetais que evidenciam os processos de degradação e recuperação desse trecho. É possível observar também áreas povoadas de samambaias (vegetação rasteira que precede o crescimento de outras espécies em áreas de recuperação), pequenas árvores e até mata primária intocada. As sensações produzidas no decorrer da trilha variam de acordo com a paisagem que se vê, considerando o mar como moldura para todas as outras espécies animais e vegetais que encontram condições favoráveis à sobrevivência neste rico território.

A quantidade de visitantes que o parque recebe a cada ano dificulta a eficácia das verdadeiras intenções planejadas pelo governo e profissionais da área ecológica, e isso afeta diretamente a conservação da natureza à qual o parque se destina. No entanto, o tempo de permanência no território da Ilha Anchieta é curto, as escunas ficam entre duas e quatro horas aportadas e também apenas 1% dos domínios do parque é acessível a esses visitantes. Esse fato permite que boa parte do território não seja afetada diretamente, apesar do grande número de pessoas.

As atividades de ecoturismo

desenvolvidas na Ilha Anchieta procuram sempre estar linearmente posicionadas com as de educação ambiental. A base do Tamar, por exemplo, que funcionou durante quase 10 anos no território da Ilha, mantinha em exposição animais que eram observados pelos turistas enquanto um profissional do projeto explicava os hábitos, os perigos, a importância e uma série de outras informações para se entender sobre as tartarugas e o porquê de preservá-las.

Além disso, existem as trilhas pela mata onde uma grande variedade de placas informativas guiam os turistas pelo presente, passado e futuro das diferentes espécies que a Ilha abriga, explicando seu processo de degradação e recuperação. Quando não são as placas que fazem papel de guias, monitores treinados (muitas vezes por cursos ministrados na própria Ilha Anchieta) levam os turistas por esse vasto e rico território.

O Parque Estadual da Ilha Anchieta implementa projetos e atividades buscando equilibrar preservação e desenvolvimento, mas nem todas as iniciativas têm continuidade, devido às limitações financeiras e à burocracia que impera nas atividades do Estado. Como, por exemplo, o caso do Tamar. Devido aos problemas de manutenção das tartarugas nos tanques que as abrigavam no PEIA, tornou-se necessário seu afastamento da Ilha. O que por um lado é ruim, por estar afastando possibilidades de informação de pessoas que precisam e querem ter mais conhecimento sobre o assunto, por outro pode ser um momento de reflexão para avaliar os pontos negativos e positivos desse tipo de atividade pedagógica, buscando soluções e o aperfeiçoamento do plano existente. Na opinião da responsável pelo programa de uso público da Ilha Anchieta, Maria de Jesus Robim, o projeto para ser implantado adequadamente na Ilha, com 100% de aproveitamento tanto para o Tamar como para a coordenação do PEIA, necessita da elaboração de um programa específico para a Ilha Anchieta, integrando mais o projeto ao parque. Ela alega que, muitas vezes, os próprios estagiários não tomavam conhecimento dos objetivos do parque, não se interavam e, conseqüentemente, criava-se um abismo entre os programas. Ambos com o mesmo objetivo, mesma intenção, e sem uma integração que o qualificasse e permitisse sua continuação. Outro problema vinculado a essa parceria é a escassez de recursos disponíveis para manter o projeto na Ilha. Para sua manutenção, a administração do Parque tinha que dispor de parte de seus recursos para viabilizar a existência do Tamar na Ilha, muitas vezes esse dinheiro deveria ser investido em necessidades mais urgentes do Parque, cada um tem suas prioridades[10] . O Tamar também não dispunha desses recursos imprescindíveis para sua sobrevivência no núcleo da Ilha Anchieta. Para se ter uma idéia, os próprios tanques que abrigavam as tartarugas eram emprestados pelo Instituto de Pesca e não existiam condições adequadas para a sobrevivência das tartarugas. A importância do Projeto Tamar na Ilha Anchieta é inegável, porém seus métodos de ação e atividades têm que ser repensados e implantados de forma renovada, integrado ao PEIA e seu programa de uso público. Esse recuo pode significar mudanças benéficas para os dois programas, com efeitos de conscientização mais eficazes que permitirão que ambos alcancem seus objetivos de preservação das espécies.

Existem também outras maneiras de se conhecer o ambiente marinho na Ilha Anchieta. Uma delas é o mergulho. Suas águas são propícias a esse tipo de atividade por apresentar, geralmente, uma boa visibilidade. Uma das novidades

10 Trecho da entrevista com Maria de Jesus Robim

relacionadas ao mergulho é a trilha submarina, experimentada em parceria com a Universidade de São Paulo (USP). Num caminho submerso que liga a praia do Sapateiro à Prainha do Engenho, os turistas que o percorrem fazem o trajeto monitorado e vão reconhecendo e vivenciando a realidade marinha. Antes de o turista se aventurar, palestras sobre o ambiente marinho são ministradas pelos monitores e coordenadores, em que as relações entre os costões rochosos, a água e a areia são explicadas. As algas, os peixes, seus hábitos e ciclo de vida são detalhadamente expostos para os visitantes. Além disso, existe uma ficha interpretativa com bóias indicativas que sinalizam determinados locais onde é possível ver tocas de peixes ou determinada espécie que habita certos pontos do mar circundante.

As trilhas, as atividades educacionais como palestras, workshops, exposições, entre outras, são parte do programa de uso público do PEIA, que como unidade de conservação procura integrar pesquisa, lazer e educação ambiental. Ainda há muito a se fazer, a captação de recursos, por exemplo, é uma séria dificuldade que os coordenadores e profissionais do parque enfrentam. Apesar de existirem parcerias entre a administração do PEIA e empresas e ong's, ainda é muito difícil efetivar propostas de trabalho importantes, por ser um bem público e exercer a burocracia comum ao trâmites oficiais.

A Associação Cunhambebe, por exemplo, é uma ong que procura desenvolver trabalhos junto à administração do parque. Apesar do empenho, seus recursos financeiros são escassos, seus funcionários são voluntários que dispõem de pouco tempo para exercer trabalhos no parque. Além disso, a maioria dos projetos encaminhados para a Secretaria de Meio Ambiente é vetada devido à subordinação das administrações ao poder público. Mas, ainda assim, muitos são os projetos desenvolvidos na Ilha com o apoio da Associação, como cursos que preparam monitores para serem guias ecoturísticos e outros relacionados à conservação da natureza e sua proximidade com a população.

A Ilha recebe muita ajuda das pessoas que gostam desse lugar e querem que esse patrimônio seja preservado, mas são trabalhos esporádicos, que não têm a consistência do compromisso. O que falta são parcerias fixas, com apoios formais que durem um determinado tempo em que os administradores e guardiões possam se tranqüilizar e desenvolver algumas das ações que julguem necessárias.

Apesar de se destinar também ao lazer, seu principal objetivo é a consciência ecológica. Não nos interessa a pessoa que veio aqui, pulou, nadou, se divertiu bastante e não conseguiu assimilar o que realmente importa nesse lugar: a natureza, a vida pulsando dos poros da Terra. O que interessa para a gente são aquelas pessoas que vêm e percebem a importância da conservação e do respeito ao meio ambiente. Quando isso acontece, aí então nosso dever foi realmente cumprido[11] .

Para atingir o objetivo de conscientização popular para garantir a saúde do planeta, é preciso informar e educar. Conhecer está a um passo de preservar. E preservar é amar. Ninguém ama o que não conhece, e muitos estão perdendo seus amores por desconhecê-los.

Informar para conscientizar. Conhecer para preservar. Atitudes de amor para com a mãe-natureza e cuidado pelo que nos foi confiado. Sem surpresas, sem degradação; pela vida e pela paz.

11 Trecho da entrevista com Manoel Fontes, Diretor Administrativo do PEIA